

O MULTILETRAMENTO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Narelle Jardim¹

Karen Machado²

Resumo

O presente trabalho pretende apresentar práticas pautadas na pedagogia dos multiletramentos, no processo de alfabetização, em contexto bilíngue, com crianças de 6 e 7 anos, visando a ampliação do conceito textual para além do linguístico, visto que esta abordagem é entendida enquanto atividade colaborativa, e não como ato individual, uma vez que implica em uma multiplicidade e diversidade de linguagens. A experiência apresentada tem como objetivo instigar a escrita na língua adicional, bem como a utilização de materiais não-estruturados e outros recursos, observando a conexão entre seu uso e os significados que os alunos constroem ao escrever. Tal proposta está fundamentada nos estudos teóricos de Teberosky (1986), Ferreiro (1986), Freire (1983), Rojo (2004), Guerra (2013) e Malaguzzi (1999), com o intuito de ampliar e compreender tais conceitos, visando a formação crítica de leitores e escritores capazes de ler o mundo a seu redor explorando novos modos de representação da linguagem (verbal, visual, sonora, gestual, digital). A metodologia envolveu a análise qualitativa a partir das evidências de aprendizagem coletadas em diferentes fontes de registro, tanto no âmbito da compreensão e da utilização social dos textos (orais, escritos, visuais) quanto em relação à aplicação e função desses textos no cotidiano, envolvendo momentos de intervenções pontuais e realização de estratégias diferenciadas no ensino, com *feedbacks* pontuais e descritivos. Os resultados apontam para o favorecimento do desenvolvimento da agência do educando na construção da escrita ao explorar materiais e suas materialidades, mobilizando os conhecimentos necessários para o pleno desenvolvimento de competências. Espera-se que essa experiência contribua para uma reflexão sobre a necessidade de reconfigurações dos processos de ensinar e de aprender, além de contribuir para que o docente possa ressignificar saberes e práticas para potencializar o multiletramento na alfabetização.

Palavras-chaves: alfabetização; letramento; multiletramentos.

Introdução

O presente trabalho pretende apresentar práticas pautadas na pedagogia dos multiletramentos, no processo de alfabetização, em contexto bilíngue, com crianças de 6 e 7 anos, visando a ampliação do conceito textual para além do linguístico, visto que

¹ Formada em Letras pela Universidade de São Paulo, pós-graduanda em Ensino Bilíngue pela Universidade Anhembi Morumbi e professora de ensino fundamental I bilíngue no Colégio Emilie de Villeneuve. E-mail: narellejardim@colégioemilie.com.br

² Formada em Pedagogia pela Universidade Paulista, pós-graduanda em Ensino Bilíngue pela Universidade Anhembi Morumbi e professora de ensino fundamental I bilíngue no Colégio Emilie de Villeneuve. E-mail: karenmachado@colégioemilie.com.br

esta abordagem é entendida enquanto atividade colaborativa, e não como ato individual, uma vez que implica em uma multiplicidade e diversidade de linguagens.

Nesse sentido é importante compreender que o letramento vai muito além da decodificação (na leitura) e da codificação (na escrita) dos sinais gráficos de uma língua, que é atribuída à alfabetização, pois, conforme afirma Rojo (2004),

[...] a leitura passa, primeiro, a ser enfocada não apenas como um ato de decodificação, de transposição de um código (escrito) a outro (oral), mas como um ato de cognição, de compreensão, que envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos lingüísticos muito além dos fonemas. (ROJO, 2004, p. 3).

Desse modo, a experiência aqui descrita teve como objetivo instigar a escrita na língua adicional, bem como a utilização de materiais não-estruturados e outros recursos, observando a conexão entre seu uso e os significados que os alunos constroem ao escrever, promovendo engajamento e o pensamento criativo, além de fomentar uma aprendizagem investigativa, agregando-lhe sentido e a ampliação das diferentes linguagens.

Desenvolvimento

Para as propostas que fazem parte deste trabalho, utilizamos, em um primeiro momento, materiais não-estruturados que permitiram a manipulação e exploração de suas materialidades, sendo potentes para prover experiências multidisciplinares e complexas, permitindo ao educando expressar-se através de diversas linguagens. Malaguzzi (1999) enfatiza a importância das crianças se expressarem de diferentes formas, demonstrando as “Cem linguagens da criança”, como a filosofia da abordagem que defende, que faz parte da prática que será descrita. Para desenvolver estas linguagens diversas, há a utilização de materiais não estruturados.

Os materiais estruturados podem ser vistos como propiciadores do pensamento convergente, enquanto os materiais não estruturados podem ser hipotetizados para estimular o desenvolvimento de soluções que são alternativas a caminhos predefinidos, e, portanto, mais verdadeiramente criativos na medida em que proporciona de forma mais aberta diferentes interpretações. (GUERRA, 2013, p. 110, tradução nossa).

O planejamento prévio e a intencionalidade ao selecionar os materiais "polivalentes" – naturais ou feitos de materiais naturais, como madeira, metal, couro, tecido, borracha, pele, papel e papelão – podem contribuir para que as materialidades ou potencialidade dos materiais instigue e apoie processos exploratórios sensoriais e cognitivos das crianças. Diante disso, cabe ressaltar o papel dos docentes, tanto no planejamento intencional de propostas que visam o processo de alfabetização quanto na proposição de contextos potentes para o desenvolvimento de múltiplas linguagens.

Dentre os materiais oferecidos aos alunos, levando em consideração este critério, estavam pedras, palitos de fósforo e rolhas de cortiça com tamanhos, formas, espessuras e texturas diferentes, de modo que os educandos criassem critérios próprios para selecionar quais materiais poderiam utilizar para formar as letras das palavras que queriam escrever, o que lhes proporcionou também uma exploração tátil, aguçando-os as percepções. Em um primeiro momento, percebemos que as crianças exploraram os materiais, mexendo na caixa com as pedras, esfregando umas nas outras. Além disso, rolaram as rolhas pelo chão para ver até aonde iam e pegavam os palitos de fósforo aos montes para ver quantos conseguiam amontoar em suas mãos.

No início do processo de escrita, era comum lhes observar pegarem um mesmo elemento para escrever uma única palavra. Foi oferecida uma base preta para que conseguissem visualizar melhor a própria hipótese de escrita. Palitos e pedras ganharam novos significados quando as crianças, cuidadosamente, colocavam-nos no papel, criando palavras.

Aos poucos, os alunos começaram a observar que podiam utilizar os palitos de fósforo para escrever letras mais retas, como o N, ou pedras para fazerem as curvas. Alguns notaram que as pedrinhas brancas poderiam servir de "lápiz" para escrever no papel preto que servia de base, fazendo alguns desenhos. Notamos que alguns alunos tomavam certa distância da folha para observar se a escrita estava perceptível e, em alguns momentos, acrescentavam mais pedras ou as colocavam juntas para que as letras ficassem mais legíveis. As crianças usaram diferentes estratégias ao explorar a escrita, em que se tornou visível a inventividade do pensamento.

Cumprе salientar que, conforme enfatizam Ferreiro e Teberosky (1986, p. 11), "além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los". Assim, pensando neste sujeito como agente de sua aprendizagem, as metodologias utilizadas para a realização deste trabalho envolveram a escuta ativa, a análise qualitativa, a

investigação e a observação, fazendo com que houvesse intervenções pontuais. Ademais, foi possível a interpretação dos docentes em relação às hipóteses trazidas pelas crianças.

Conclusão

Durante o desenvolvimento deste trabalho, percebemos que, nesta fase escolar, as crianças criam suas próprias hipóteses, buscam conexões entre as palavras e brincam com rimas ao ler e escrever. O ambiente que as cerca se torna fonte para a investigação e a exploração desse mundo que começa a se abrir para elas. É muito comum vermos crianças lendo placas nas ruas, ou embalagens em um supermercado, quando estão nesta fase da alfabetização. Por esta razão, todo o contexto no qual o educando está inserido tem um papel muito importante e, por isso, é necessário que seja pensado com intencionalidade.

Como resultado deste trabalho, foi possível observar uma maior agência do aluno, pois aprender investigando desenvolve a iniciativa e autorregulação do estudante para aprender, em contextos significativos, ampliando a criatividade e a imaginação. Para Freire (1983), a alfabetização é um ato criador no qual as crianças apreendem criticamente, tornando-se agentes desta aprendizagem, aprendendo a escrever e ler o mundo.

Por fim, é importante que os docentes compreendam este processo de ensino-aprendizagem para que ressignifiquem suas práticas, trazendo o estudante para o centro deste processo, explorando toda a potencialidade que os multiletramentos oferecem.

Referências

- FREIRE, P. Educação e mudança. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artmed, 1986.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GUERRA, M. Unconventional materials at school: teaching experiences and educational potential. RELADEI - Revista Latinoamericana de Educación Infantil, Espanha, Vol.2, número do exemplar, p. (106 - 121), Janeiro, 2013. Publicado em: https://www.academia.edu/3430511/Unconventional_materials_at_school_teaching_experiences_and_educational_potential. Acesso em: 28/11/2022.
- MALAGUZZI, L. Histórias, idéias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L. & FORMAN, G. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ROJO, R. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. LAEL/PUC-SP, São Paulo, Vol.1, 2004.